

VERDADE E FALSIDADE DO ENUNCIADO PREDICATIVO, NO *SOFISTA* 259E-264B

TRUTH AND FALSITY OF PREDICATIVE ASSERTION IN THE *SOPHIST* 259E-264B

JOSÉ GABRIEL TRINDADE SANTOS*

Resumo: Este texto visa à exposição e análise do argumento sobre a estrutura do *logos*, no qual assenta a teoria predicativa do enunciado, desenvolvida por Platão no *Sofista* (261d-264b). Ao distinguir “verdade” de “falsidade” como “qualidades” dos enunciados, “pensamento” e “linguagem” são habilitados a funcionar como meios apropriados à descrição e estudo da realidade. A leitura da diferença como “incompatibilidade” é elucidativa do exemplo “Teeteto está a voar”; mas o exemplo e esta leitura não procuram alcançar uma definição do “enunciado falso”.

Palavras-chave: Platão; *Sofista*; verdade; falsidade.

Abstract: This paper aims to expound and analyze the argument about the structure of *logos*, on which the theory of “predicative logic” developed in Plato’s *Sophist* (261d-264b) is based. By distinguishing “truth” from “falsity” as “qualities” of statements, the argument enables thought and language to function as means suited to the description and study of reality. The reading of “difference” as “incompatibility” explains why “Theaetetus is flying” is a false statement; but neither the example nor this reading can be taken as a definition of what a false statement is.

Keywords: Plato; *Sophist*; truth; falsehood.

1. PROBLEMAS NO *TEETETO*

Devemos considerar o *Teeteto* um diálogo aporético? Nenhuma dúvida acerca dessa pergunta restará depois de Sócrates ter definitivamente rejeitado (210a-b) as três respostas de Teeteto que antes examinou. E, no entanto, muito se aprendeu ao longo das quase 60 páginas do diálogo.

* Professor na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e na Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-0631-4348>. E-mail: jtrin41@gmail.com

Refiro: a crítica do fluxismo sensista, atribuído a “Protágoras” e a outros, por exemplo, Empédocles, Atomistas, Cirenaicos (Zilioli 2013, 167-185), destacadamente a Heráclito; o debate contra a tese de que todas as opiniões são verdadeiras; a denegação do poder cognitivo das sensopercepções. Articuladas pela argumentação de Sócrates, todas estas concorrem para a refutação da primeira resposta de Teeteto.

O veredito negativo sobre as propostas avançadas no diálogo estende-se depois à opinião verdadeira, constatada a sua impotência para explicar a opinião falsa. Ou, quando expressa num enunciado, para atingir o saber, enquanto não se chegar a uma definição aceitável do que é uma “explicação” (ou uma “proposição”: *logos*). A todas elas se atribuirá a responsabilidade pelo insucesso da investigação.

Particularmente, na resposta focada na fixação da opinião verdadeira numa “explicação” (201c) e na “teoria do sonho” (201e-206c), Sócrates se deixa embarçar pelo “paradoxo de Mênon” (*Mênon* 80d-e¹), ao buscar na articulação dos nomes com as proposições o fundamento da cognoscibilidade (201e-202c). Mas não consegue encontrá-la, porque a teoria do sonho não é confirmada, deixando o “saber” regredir no infinito (só se atinge o saber formulando um enunciado, mas só se chega ao enunciado, se antes “se souber”: 209d-e). Dada esta acumulação de insucessos, o diálogo termina na aporia, sem que tenha se encontrado resposta à pergunta que lhe confere unidade: “o que é o saber” (*epistêmê*)?

A continuidade dramática do *Teeteto* com o *Sofista* faria pensar na retomada da empresa. No entanto, a intervenção do recém chegado Hóspede de Eleia, trazido por Teodoro, encaminha o debate para outras questões, nomeadamente: o que é o sofista? Em que se compara ele com o filósofo (216c-d, 218b-d)?

Aparentemente estas perguntas rompem com o contexto do *Teeteto*, deixando sem resposta a interrogação sobre o saber. No entanto, apesar de a abordagem ter mudado radicalmente, o problema posto pela opinião falsa mantém-se no foco da pesquisa, apontado à dificuldade de alguém, sem se contradizer, afirmar falsidades (*Sofista* 236e). Mas essa nova questão – então deixada em suspenso – só virá a ser respondida pela apresentação de um enunciado falso.

¹ “Como se pode saber algo que ‘de todo’ se ignora?” “Sem aceitar que algo pode ‘vir a ser’, como será possível a aprendizagem?”.

2. A ESTRUTURA DO *LOGOS* NO *SOFISTA*

É para atingir esse objetivo que o HE propõe uma teoria do *logos* (aqui traduzido por “enunciado predicativo”). Em menos de 3 páginas de Stephanus, recorrendo a três exemplos elementares, o passo define a estrutura do “enunciado” e aponta a sua função, encerrando o argumento com a revelação de como a atribuição de dois sentidos à “diferença” é requerida para distinguir um enunciado “verdadeiro”, de outro “falso”.

A exposição da teoria predicativa começa com a análise da estrutura do enunciado. “Combinando” (*symplekôn*: 262d; *symplokê*: 259e) um “nome” (*onoma*) com um “verbo” (*rhêma*: 261e-262a²), o enunciado “ajusta” um ao outro (262d-e), “combinando a ação com o resultado da ação” (262e). É por isso que nem uma sequência de nomes, nem uma de verbos produzem um enunciado (262a-c), pois, sem a “mescla” dessas duas categorias gramaticais, não há como expressar o “encadeamento” que descreve “a ação ou falta de ação, nem a entidade (*ousia*³) do que é ou não é” (262c).

Esta caracterização dos enunciados mais simples reveste-se da maior importância, dado ser nela que pela primeira vez é conferida ao “enunciado predicativo” uma estrutura definida. É nesta que vai se apoiar a análise sobre a qual assentará o argumento, até à sua conclusão. Distinguindo “nomear” de “dizer” (262d), o HE “libera a teoria da significação do modelo da nomeação⁴, mediante a identificação da forma linguística e da estrutura lógica do enunciado” (Kahn 2013, 126). Essa é a confusão (385b-d) que aparta o *Crátilo* do *Sofista*, pela qual são atribuídas Verdade ou Falsidade tanto ao *logos* como às suas partes⁵.

² Há problemas com a tradução dos termos gregos. Quanto a *onoma* (“palavra”, “nome”: Crivelli 2011, 232) parece não haver dificuldades. Elas surgem, contudo, no que diz respeito a *rhêma*, pois o termo recebe uma diversidade de traduções: “expressão”, “dito”, “palavra”, “frase”, na maioria dos contextos. Na realidade, só entre 262a1 e 263d3 (onde aparece seis vezes), o termo é traduzido por “verbo” (aparecendo, em 257b7 e 265c5, com os sentidos correntes). A sua tradução por verbo, no *Crátilo* (nomeadamente, em 425a1, 431b5, 6), separada da teoria que a suporta, parece contestável.

³ Ou seja, “o que é ou não é cada coisa”. Interpreto o termo “*ousia*” como a nominalização da cópula.

⁴ Ver o comentário de P. Crivelli (2011, 239-240), que implicitamente associa a redução antepredicativa do enunciado a um argumento de Dionisodoro sobre a impossibilidade da contradição (*Eutidemo* 285d-286b).

⁵ Veja-se o caso do nome de Hermógenes, que Crátilo alega não ser dele, “mas de outro, cuja natureza [o nome mostra]”: 429c.

Ao mostrar “algo a respeito das coisas que são, vêm a ser, vieram a ser ou virão a ser” pela combinação de verbos e nomes (262d), o exemplo proporcionado por um “primeiro e menor” dos enunciados – “um homem entende” – confere-lhe a capacidade de “concluir algo” (*ti perainein*), capaz de “dizer” (*legein*: 262d5) e não apenas “nomear” (*onomazein*: 262d). Quer isto dizer que o enunciado não apenas se “refere” a algo ou a alguém, mas realiza a sua função afirmando ou negando do seu referente algo, que é diferente daquilo de que é dito.

Com este movimento, a proposta do HE confere valor “sintático” à distinção morfológica dos “dois gêneros de coisas ditas pela voz acerca da entidade” (261e): o nome e o verbo. Enquanto, identificado com “o signo da voz posto naqueles mesmos que praticam ações” (262b10), ou como a própria “ação” (*pragma*: 263e13), o nome se refere ao “sujeito” do enunciado, o verbo – “o que se mostra na ação” (262a) –, é, como “predicado”, “dito” (263b) do “sujeito” (262b-c)⁶, associando a identificação daquele sobre quem a ação recai à descrição da ação que lhe é atribuída (Kahn 2013, 125; contra, Frede 1992, 413).

Este enlace terá, contudo, de ganhar valor “semântico”, pois a necessária capacidade referencial do enunciado – que, se não for “de algo” (ou de “alguém”), “nem será enunciado de todo” (262e, 263c) – confere existência extralinguística ao trio constituído por sujeito, predicado e pela combinação de um com outro (262e, 263a, c) no enunciado.

É por esse motivo que, uma vez que todos estes “são”, para distinguir um enunciado verdadeiro de outro, falso, será necessário esclarecer se [as coisas ditas] “são ou não são coisas que são”, se são “as mesmas”, ou “outras diferentes das que são”, a respeito do sujeito do enunciado (263b, d). Pois, como, “das coisas que são” [ditas], haverá “muitas que são e muitas que não são” (263b), só “quando a respeito de ti são ditas coisas, mas outras como se fossem as mesmas, e coisas que não são como que são”, será produzido um enunciado falso (263d1-4).

⁶ O passo pode ser entendido como uma primeira definição de “enunciado”. Embora as designações “sujeito” e “predicado” tenham sido cunhadas muito mais tarde, as funções que desempenham no enunciado são as apontadas no texto. A identificação do “sujeito” estabelece a função semântica desempenhada pelo “nome” no enunciado, enquanto o “verbo” institui a do “predicado” – o que é dito do “nome” –, distinguindo “referência” de “predicação” (Kahn 2014, 127). Lembremos a confusão clássica entre uma e outra, na *Odisseia* IX 355-412, acerca do nome “*outis*” (“Ninguém”).

3. VERDADE E FALSIDADE NOS ENUNCIADOS

Levanta-se assim o problema de explicar como será possível produzir enunciados “verdadeiros” e “falsos”, para o que é necessário identificar cada um deles e distinguir um do outro. Comparemos então dois enunciados, ambos ditos “a respeito (*peri*) de Teeteto”, que o tomam como sujeito e lhe atribuem distintos predicados (263a):

- “Teeteto está sentado”,
- “Teeteto está voando”.

O primeiro é oferecido como caso paradigmático de um enunciado “verdadeiro” e justificado pela formulação: “dizer a teu respeito que são as coisas que são” (263b4-5). Pelo contrário, o segundo é considerado “falso”, por “dizer coisas diferentes das que são” e “as coisas que não são como se fossem” (263b7, 9).

Com esta diferenciação, todo o argumento que se estende ao longo da seção central do diálogo (236e-264b) visa a atingir a finalidade à qual inicialmente se propôs, de: “dizer ou opinar que coisas falsas na realidade são e, tendo-as pronunciado, não se enlear na contradição” (236e-237a).

Ao passo caberá a tarefa de – explorando o acordo dos interlocutores sobre o que é um enunciado (260a) – esclarecer as noções de “verdade” e “falsidade”, aplicando-as aos enunciados. O objetivo daqueles é – “observando a comunhão deles [enunciado, opinião e aparência] com o Não-Ser” (260e-261a) – explicar a falsidade pelo contato (*baptetai*: 261c6) do Não-Ser com o discurso (260e-261c), provando que “o falso existe tanto no enunciado, quanto na opinião” (261b).

Começemos pela “verdade”. Esta é caracterizada pela reafirmação da correspondência do enunciado à realidade: “[o enunciado] mostra já algo a respeito das coisas que são” (262d); a seguir reforçada: “[o enunciado verdadeiro] diz a teu respeito que são as coisas que são” (263b4-5).

Daí se conclui que tanto um enunciado falso, como um verdadeiro, dizem, a respeito do sujeito do enunciado, “que são [as coisas que o predicado

⁷ Notem-se os dois referentes de *peri* (“acerca de”, “a respeito de”), expressos por pronomes no genitivo (*bou t'esti kai botou*), na pergunta de Sócrates (263a4) e nas duas respostas de Teeteto (*emou*, *emos*: a5; *emon* – no acusativo –, *peri emou*: a9). Em cada par de respostas, num caso a preposição se dirige ao sujeito do enunciado; no outro ao predicado “dito” dele (263a4-5).

atribui ao sujeito]”. A diferença que separa um do outro reside no fato de o enunciado verdadeiro dizer “a respeito de Teeteto as mesmas [coisas que as que são]” (263d1), enquanto o falso diz que elas são “diferentes” (263b7), “que não são [as “que são]” (b9), ou “são outras a respeito de ti” (b11); em suma, que são “outras como se fossem as mesmas”, “que não são como que são” (263d1-2).

4. OPINIÃO FALSA E IMAGINAÇÃO

A identificação do pensamento com o discurso não levanta problemas, dado o primeiro ser entendido como o “diálogo íntimo da alma consigo mesma” (263e; *Teeteto* 189e-190a), e o discurso a sua expressão verbal (263e7-8). Portanto, atingida a conclusão de que “o enunciado pode ser verdadeiro e falso” e a “opinião” equivale à produção da “afirmação e negação” pelo discurso (263e-264a), resulta serem as opiniões “por vezes verdadeiras, por vezes falsas” (264a-b). Esta conclusão é estendida às opiniões produzidas “através das sensações” (“pela mescla de umas com as outras”), atribuídas à “imaginação” (264a-b).

5. O PROBLEMA DO ENUNCIADO FALSO

Portanto, uma vez atribuídos à combinação da entidade nomeada (o “sujeito”) com o que dela é dito (“predicado”), a verdade ou falsidade do enunciado dependem de o predicado “afirmar ou negar” (263e12) do sujeito as “coisas que são a respeito dele” (263b4-5). Se compararmos esta concepção de “verdade” com aquela que Eutidemo defende no diálogo que leva o seu nome, notamos como dela se distingue, pois aí o sofista alega que o que quer que alguém diga, sendo “uma coisa que é, é verdade” (*Eutidemo* 283e-284a).

Pelo contrário, no *Sofista*, a análise dos enunciados mostra que a verdade ou falsidade deles não assenta no sujeito, nem no predicado, mas na afirmação ou negação da relação que os liga. Pois, é atribuindo “o que é dito” àquele “de quem é dito”, no “entrelaçamento” de um no outro, que residem a verdade ou falsidade do enunciado.

Mas isso só é tornado claro quando é posto o problema do enunciado falso, dado nunca nos ser explicado no que precisamente consiste “dizer que são as coisas que são”. Será que bastaria sustentar que Teeteto “está sentado” é verdade por, a respeito dele, “ser” esse o “estado” em que o jovem se acha naquele momento (263a) e ambos os interlocutores concordarem com isso?

Pelo contrário, o enunciado – “Teeteto, com quem [o HE] agora fala”, “está voando” (263a8) – é falso pelo fato de, apesar de dizer “coisas que são” (263b11), dizer que são “outras” (b11) “como se fossem “as mesmas” acerca de Teeteto (263d1-2). Não bastará, portanto, dizer que o enunciado é falso porque de fato o jovem “está sentado”, nem por “estar sentado” e “voar” serem “coisas” diferentes uma da outra.

É claro que “voar” é uma coisa que é e existe, já que participa do Ser. Mas também é uma coisa que não é (predicativamente), por ser “outra” a respeito de Teeteto, embora “exista”. De resto, nem poderia deixar de ser assim, pois qualquer predicado é sempre outro em relação ao sujeito do qual é dito (251a-253b), como alega o argumento contra os que “aprenderam tarde” (251b-253c). Por isso, a tarefa da Dialética consiste em habilitar o seu praticante a ser capaz de distinguir os gêneros que se misturam daqueles que se não misturam com os outros (253b-e).

5.1. Dois sentidos de “diferença”

Consequentemente, não bastará dizer que sujeito e predicado são diferentes, mas é necessário explicar o motivo pelo qual são diferentes. E aqui se põem diversas possibilidades. Será que o predicado “voar” apresenta um sentido de “diferença” distinto de outro atribuído a Teeteto, por exemplo “estar de pé”?

É evidente que os três predicados considerados exibem dois distintos sentidos de “diferença”, já que o jovem tanto poderia “estar sentado” como “de pé”, mas nunca seria capaz de “voar”. Portanto, dizer que “Teeteto está voando” não será apenas diferente de dizer que “está sentado”. É algo impossível de dizer dele, porque o predicado “voar” – diferentemente de “estar de pé” – é incompatível com ele.

É para essa “incompatibilidade” que é preciso encontrar explicação, pois essas duas traduções de “*betero*” não são equivalentes. Para Brown (258b-c; 2011, 277-279, 283, 290; citada por Crivelli 2011, 238, n. 48, como defensora da “interpretação da quase-incompatibilidade”), a “incompatibilidade” resulta de “... num conjunto de predicados *F, G, H*”, se afirmar de Teeteto “um não-*F*, que não significa o contrário de *F*, mas [é] apenas diferente de *F*, nessa linha [de predicados]” (*Ibid.* 277; Brown 2011, 457).

Voltando atrás no texto, uma vez substituído “contrário” por “diferente” (257b-c), no passo em que é introduzido o Não-Ser, na exploração da “diferença” predominam as Formas adjetivas (“Grande”, “Belo”, “Justo”: 257d-258c). Todavia, em se tratando de “classes naturais” – que é o caso dos

dois exemplos apresentados neste passo (263a-b) –, sugiro que a “incompatibilidade” possa ser explicada pela introdução no argumento de uma outra leitura da “diferença”, produzida não apenas pela não-identidade do predicado com o sujeito, mas pela não-participação de um no outro (a saber, de Teeteto no gênero dos “voadores”⁸).

Portanto, se não participam, o enunciado que afirma a participação de um do outro diz a respeito dele “outras coisas como se fossem as mesmas, que não são como que são” (263d1-2). Constitui por isso uma intromissão do Não-Ser no discurso (260e-261a), motivo pelo qual só pode ser “falso” (3-4).

6. RECAPITULAÇÃO

Esta interpretação segue a argumentação desenvolvida pelo HE na “dedução dos sumos gêneros” (254d-257a), refinada na síntese que introduz o Não-Ser como “a parte da natureza do Outro que se contrapõe ao Ser” (256d-257a; 258a-c; 258d-259b). Aí, a reformulação da negativa como “diferença” (257b-c) é suportada pela participação dos outros sumos gêneros no Ser (255b-d). Todavia, a caracterização do Não-Ser (256d-257a) como uma certa “contraposição” (*antithesis*: 257d-258b) do Ser ao Ser” (257e) – “da natureza de uma parte do Outro à natureza do Ser, contrapondo-se um ao outro” (258a11-258b3; O’Brien 2013, 232-233, n. 17) –, “não existindo menos que ele” (258b-c), impõe outra leitura da “diferença”.

Essa leitura desliza, daquela que a lê como “não-identidade”, para outra, que a lê como “não-participação”, interpretando o Não-Ser como “a contraposição da natureza de uma parte do Outro ao ser de cada coisa” (258b: Brown 2011, 287-288, n. 40), como a contraposição de duas Formas, cada uma das quais “em nada existe menos que a outra” (258b-c; O’Brien 2013, 245-248), porém, dela difere.

Lida extensionalmente (Bostock 1984, 115-117; Crivelli 2011, 238-239), a contraposição instituída pelo Não-Ser opõe “algo que é” a “cada uma (*hekastote*: 257d10) das coisas” (“indefinidas em número”: 257a6-7) que [esse algo] não é (257d-258c). No entanto, seguindo Brown, o passo deve ser lido intencionalmente: como a contraposição de “uma parte (*morion*: 258b) do

⁸ Com Brown (ver abaixo) e Crivelli (2011, 236-237), apoiado em 259e5-6, interpreto os dois enunciados apresentados como exemplos de relações entre Formas: “o que é” naquele momento acerca de Teeteto: num caso, “estar sentado”; no outro, “estar voando”. A “quase-incompatibilidade” entre estes predicados se mostra como “diferença” (e não “contradição”), relativamente a uma certa “linha [de predicados]”.

Outro a qualquer parte do Ser” (Brown 2011, 285-288), relativamente um ao outro e não a qualquer das infinitas coisas que não são a respeito de Teeteto (257e-258c); ou como “a parte do Ser oposta ao ser de cada coisa” (O’Brien 2013, 237).

Como consequência desta opção, há uma última reserva a apresentar ao confronto que opõe as duas “qualidades” de enunciados. Enquanto o verdadeiro descreve a posição em que Teeteto “existe” (“sentado”), o falso, identificando-o como o interlocutor do HE “naquele momento” (263a8), aponta um estado no qual ele “nunca” poderia “existir” (“voando”). Esta discrepância sugere que a finalidade da argumentação do HE não pode ser lida como uma definição de “falsidade”. Respondendo à “dificuldade” assinalada no início do argumento (236e-237a), o seu objetivo se limita a apontar um incontestável exemplo do que “real e verdadeiramente vem a ser um enunciado falso” (263d4-5).

7. UNIDADE DO ARGUMENTO DO *SOFISTA*

Que dizer deste argumento do *Sofista*? Ao longo do percurso traçado de 249b a 264a, o raciocínio passa da postulação do Movimento e do Repouso à defesa da participação de ambos no Ser (250b), requerendo do dialético a capacidade de “discernir cada coisa que comunga e não comunga, segundo o gênero” (253d-e).

Realizada a dedução dos Sumos Gêneros (254d-256e), os dois passos seguintes do argumento caracterizam o Não-Ser (256d-e), primeiro, como “diferença” (257b-c), depois, como “contraposição do Ser ao Ser”, existindo cada um destes não menos que o outro (257e-258c). É esta conclusão que será aplicada ao discurso, com vista a explicar a falsidade pelo contato do Não-Ser com a linguagem (260d-261a).

Explorando a interpretação do *logos* como “síntese” dos nomes e frases (*rhêmata*) que o compõem (*Crátilo* 431b-c), para abordar o problema da verdade e falsidade, o HE parte da hipótese implícita que encara “a forma da proposição como a unidade elementar do pensamento”⁹ (Balaban, 1999, 84). É sobre ela que apoia o argumento aqui estudado.

⁹ Renunciando à pesquisa sobre a forma do conhecimento, condensada na natureza da *gnôsis* (ou *epistêmê*), como competência cognitiva suprema (*Rep.* V 477b ss.), que o *Teeteto* deixou na aporia, o argumento do HE sustenta a tese de que discurso e pensamento se identificam na unidade funcional do enunciado predicativo (264a), cuja estrutura acabou de definir.

Para concluir a seção “ontológica” do argumento e abordar a teoria do enunciado falta só referir o curto passo que confirma a caracterização do Não-Ser como uma Forma “repartida em pedaços sobre todas as coisas que são, umas em relação às outras” (258d-e), “recortada” (257c) pela contraposição ao Ser das “indefinidas em número coisas que não são” (257a).

Se, por um lado, esta contraposição confere ao discurso a capacidade de exprimir a diversidade das experiências do real, por outro, patenteia uma dificuldade da teoria das Formas, resultante do descarte da “contradição”. Em causa está a capacidade da teoria de distinguir a “diferença”, como “não-identidade”, da outra, como “não-participação”.

Um exemplo. Por mais belo que seja, nenhum participante no Belo se confunde com a Forma, por não ser o mesmo que ela. No entanto, lendo a negativa como diferença, as Formas negativas (“Não-Belo”, etc.) agregam às coisas belas – por participarem do Belo – e não-belas – por se contraporem a ele –, outras, ditas “bonitas”, “elegantes”, “vulgares”, “indiferentes”, etc., “feias” até. Pois, abandonada a “contradição”, mesmo não participando do Belo, estas não podem deixar de ser ditas em relação a ele.

Por essa razão, voltando ao problema posto pela falsidade, penso que desta contaminação das “Formas positivas” pelas “negativas” a elas contrapostas, fixada pelo discurso, resulta a dificuldade de distinguir predicados “diferentes” (“está sentado”, “está de pé”) de “incompatíveis”, como aquele que o HE escolhe para exemplificar o enunciado falso.

9. ALCANCE DA TEORIA PREDICATIVA DO ENUNCIADO

Sem dúvida que a este argumento se deve uma cadeia de inovações que revolucionam a criação filosófica. Entre elas saliento, nas apontadas atrás, a definição da estrutura do enunciado predicativo; a atribuição ao enunciado da função de descrever a realidade; a distinção e separação da “referência” da “significação”; o início da definição da teoria da verdade como correspondência.

Sem elas dificilmente seria possível a concepção do texto de gênese escritural como o meio de criação e preservação de “tratados” de filosofia, definitivamente liberto da oralidade, da qual a reflexão durante tanto tempo dependeu. E, no entanto, a eclosão de toda esta torrente de energia criativa seria impensável se se limitasse a Platão e não atentasse na fixação

e estruturação da linguagem levadas a cabo por Aristóteles, sobretudo nas *Categorias* e no *Da interpretação*, bem como na longa tradição que nele se inspira.

10. PROBLEMAS HISTÓRICO-FILOSÓFICOS

Por isso, significativamente, a emergência desta lógica, a que chamo “predicativa” origina sérios problemas histórico-filosóficos, como os da interpretação de boa parte da Obra Platônica. Não haverá muitas dificuldades com os diálogos elênticos, nos quais o “é” da definição ocupa posição proeminente e a exigência da “prestação de contas” (*logon didonai*) se deixa capturar na alternativa entre a sempre visada, porém nunca atingida, infalibilidade e a inevitável irrupção da aporia.

A maior dúvida se concentra no ambíguo objeto pedagógico designado pela expressão corrente “versão canônica da TF”. Haverá lugar para a teoria predicativa das proposições no grupo do diálogos considerados “médios”: *Mênon*, *Fêdon*, *Banquete*, *Fedro* e sobretudo nos livros centrais da *República*? Como enquadrar a lógica predicativa no processo da “reminiscência” e no projeto cognitivista nela apoiado? Como, a partir dela, se poderá entender a concepção antepredicativa que identifica a verdade com “o que é”, ou com “o ser” (*to einai*: *Rep.* VI 509b6) e a “entidade” (*ousia*: 508d4-509b9), mantida ao longo das analogias do Sol e da Linha, e da alegoria da Caverna?

Seja qual for a resposta ou respostas encontradas para estas perguntas – e muitas haverá –, não será decerto aqui que elas poderão ser formuladas.

[Recebido em janeiro/2022; Aceito em março/2022]

REFERÊNCIAS

- BALABAN, O. *Plato and Protagoras. Truth and Relativism in Ancient Greek Philosophy*. Lanham and Oxford: Lexington Books, 1999.
- BOSTOCK, D. Plato on ‘Is Not’. *Oxford Studies in Ancient Philosophy* 2, 1984, p. 89-119.
- BROWN, L. Negation and Not Being, Dark Matter in the *Sophist*. In: PATERSON, R.; KARASMIS, V.; HERMANN, A. (Orgs.). *Presocratics and Plato: A Festschrift in honour of Charles Kahn*. Las Vegas: Parmenides Publishing, 2012, p. 269-291.
- BROWN, L. The *Sophist* on Statements, Predication and Falsehood. In: FINE, G. (ed.) *The Oxford Handbook of Plato*. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 437-462.
- CRIVELLI, P. Plato’s Philosophy of Language. In: FINE, G. (ed.) *The Oxford Handbook of Plato*. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 217-242.

- FREDE, M. Plato's *Sophist* on False Statements". In: KRAUT, R. (ed.). *The Cambridge Companion to Plato*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 397-424.
- KAHN, C. *Plato and the Post Socratic Dialogues*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- O'BRIEN, D. (2013). A form that 'is' of what 'is not. Existential *einai* in Plato's *Sophist*. In: BOYS-STONES, G., EL MURR, D., GILL, C. (eds.). *The Platonic Art of Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 221-248.
- PLATÃO. *O Sofista*. Tradução de H. Murachco, Juvino M. Jr. e J. T. Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- PLATÃO. *Teeteto*. Tradução de Adriana Nogueira e Marcelo Boeri. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.
- PLATÃO. *Platonis Opera*. Vol. I-V. Eds. J. Burnet (II-V) e E.A. Duke (I). Oxford: Oxford Classical Texts, 1900-1909.
- ZILIOLI, U. (2013). The Wooden Horse: the Cyrenaics in the *Theaetetus*. In: BOYS-STONES, G., EL MURR, D., GILL, C. (eds.). *The Platonic Art of Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 167-185.